

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 30 DE JULHO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 135

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## A GIOVANNI EMANUEL

REDACTORES  
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE  
G. CABRAL

### SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
G. Emanuel.....	FILINOAL.
Historia dos sete dias....	Y.
Gezetiha litteraria.....	J. D. DA ROCHA.
A benção da morte, soneto.....	F. COIMBRA.
Uma explicação.....	BLASIUS.
Balzac julgado por Larousse.....	F.
Notas bibliographicas....	ATASIUS NOLL.
A domadora, poesia.....	BISIANO.
Cofre das graças.....	J. RIBEIRO.
Notas philologicas.....	P. TALMA.
Theatros.....	A. MENDES.
Confissão, soneto.....	A.
Reliçào litteraria.....	J. A. C. MAIA.
Jornaes e Revistas.....	TIO ANTONIO
Reliquia.....	CARLOS DE LAET.
Teatros, bailes e concertos	L. M. BASTOS.
Paginas esquecidas—Se eu fusse o teu gatinho.....	A. T. DE MELLO
Sport.....	Annuncios.....

### EXPEDIENTE

#### ASSIGNATURAS

CÔRTE	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

  

PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quites o obsequio de as reformar pelo semestre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'A Semana, acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer as provincias do Rio de Janeiro,

e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado do cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

### BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Macbado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.  
— *Evangalina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

### A SEMANA

GIOVANNI EMANUEL

Rio, 30 de Julho de 1887.

Realisou-se hontem a recita de despedida e beneficio do artista excepcional que nos honrou com a sua visita.

Emanuel recebeu hontem do publico, limitado mas competente, que victoriou Ristori, Salvini, Rossi, Duse, Checchi e Sarah Bernhardt, do pequeno publico que só rompe as luvas applaudindo verdadeiras notabilidades, a ovação a mais estrondosa e as demonstrações de apreço as mais brilhantes, delicadas e commovidas que porventura se tenham até hoje visto nesta cidade.

A essas demonstrações associou-se A Semana com entusiasmo, com a sinceridade e a desprevenção de que, felizmente, tem dado continuas e innegaveis provas, — subscrevendo, na medida de suas forças, para o presente que ao emiuentissimo artista tem de ser feito, promovido pela imprensa em nome do publico, fazendo-se representar pelo seu director e um dos seus redactores no banquete que lhe será offerecido boje no *Hotel de Londres* e coroando com o nome do grande tragico naturalista o presente numero da folha.

Abastada fosse esta empreza, o lhe offereceria o mais artistico dos mimos que encontrasse aqui, afim de que Emanuel pudesse lembrar-se de vez em quando do grupo de moços que, com verdadeiro heroismo (digo-o, como Zola: sem vaidade como sem modestia) redige e mantem esta folha, especialmente dedicada ás artes e ás letras, e que, desde o seu começo, tem sabido reconhecer o verdadeiro merecimento de todos os artistas ou escriptores que tem apreciado, a todos fazendo justiça.

Além de tudo, uma importante razão havia para A Semana dedicar a Emanuel—grande sympathia, grande admiração e grande respeito.

Folha moderna, francamente filiada á corrente contemporanea do espirito artistico e litterario, batalhando pelo Na-

turalismo em todas as manifestações da Arte, dedicada com todas as suas forças á victoria da Natureza e da Verdade na produção do Bello, odiando de morte todos os preconceitos, todos os ahuades, todas as convenções apenas justificadas pelo tempo, inimigo do tradicionalismo d'outrance, A Semana não podia deixar de sentir pelo grande actor italiano irresistivel sympathia e profunda admiração, desde que o viu representar o *Othelo*, na sua estreia, fazendo um *homenem*, impulsionado pelas paixões do nosso e de todos os tempos, d'ease tigre de turbante, com que, por tanto tempo, se desanaturou a assombrosa criação de Shakespeare; desde que nelle reconheceu um camarada do mesmo acampamento, um companheiro da mesma campanha, lutando pelo mesmo Ideal.

Essa admiração e essa sympathia oram avultando, avultando, até se transformarem em assombro e verdadeira estima, á proporção que o genial artista nos ia apresentando, de pé, no palco, animados, perfeitos, vivos, esses mortos immortaes que se chamam, além de Othelo, Hamlet, Nero, Conrado, Arduino e Mercadet.

Emanuel é o producto da evolução do Naturalismo no theatre; descende directamente de Salvini, o grande humanizador da tragedia.

Escrevendo da representação da *Morte Civil*, assim se exprime Emilio Zola a respeito de Salvini:

« Eu desconfiava muito dos actores italianos; imaginava-os excessivos, de uma exuberancia louca.

« Assim, qual não foi o meu espanto, quando verifiquei que o talento de Salvini é todo—commedido, delicadessa, analyse. Não tem um gesto inutil, um exaggero de voz. Ao primeira aspecto, é confuso, e é preciso esperar para ser empolgado pelo seu jogo scenico, tão simples, tão sabio e tão forte.»

E mais adiante, comparando Salvini com Dumaine, por mal d'este, diz que Salvini « estudou a alma humana, tem n'a analysado em todos os seus matizes » (1).

Que não escreveria Zola se visse

(1) E. Zola. *Le naturalisme au theatre.*

representar Emanuel, que é filho de Salvini, como Zola o é de Balzac? se visse Othello, forte, grande, valente, mas sereno, auroso, hom, humano, emfim, mesmo quando o céga o ancioso desejo da Viugança e o ciúme lhe atassalha o coração; humano mesmo quando é o tigre que precisa de cavar-se em sangue? se visse Hamlet, sem névous, sem mysterios, sem a nebulosidade, cada vez mais espessa, com que os seus erroneos interpretes o foram transformando em mytho, menos real, menos palpavel do que a propria sombra do rei assassinado? Antes de Emanuel, dava-se este curioso facto: Afirmava-se que Shakespeare era immortall porque havia crendo typos immortaes, e que estes o eram por serem humanos, como os de Molière, como os de Beaunarchais o Balzac; verdadeiros exemplares de todas as variedades da especie humana, apresentadas vigorosamente, na flugrancia e nudez das paixões que as caracterisam.

Entretanto, quando se representava Shakespeare, verificava-se com estranheza que os personagens das suas peças nada tinham de humanos, que eram verdadeiros monstros, fora da Natureza, acima da comprehensão do homem. Othello era uma especie de leopardo vestido á moura, rugidor, sanguinolento, atroz, — um monstro de ferocidade. Hamlet era uma figura nevoenta, phantastica, mythica, fria e friavel como um pouco de neve — um monstro de incoherencia e sobrehumanidade.

Tão falsificada foi essa notavel figura do theatro shakespeareano, tão erradamente a entenderam, tão pouco homem foi considerando o principe dinamarque que tem sido representado até por mulheres, como Sarah Bernhardt, em França, e Pezzana, aqui. Ainda hontem vi escripto — e quantas o não verei ainda! — que Hamlet é «nebuloso, incomprehensivel, cheio de treva e de duvida, mas profundamente, verdadeiramente humano.»

Macheth, rei Lear, Ricardo III e os outros muitos personagens de Shakespeare eram, em geral, apresentados com a estatura dos gigantes de Ariosto ou do Adamastor camoneano, de forma a partirem todos os moldes humanos em que a Critica, para comprehendellos, procurasse accomodal-os.

De modo que as creações humanas daquelle immortal creador eram apresentadas como feras carniceiras, hestias, ou como doidos furiosos, ou como impalpaveis sombras!

Emanuel, adeantando, completando a obra do grande Salvini, veio solver essa absurda autinomia, veio mostrar que Shakespeare era de facto um escriptor que creava homens, — fazendo humanas as suas creações.

Para conseguil-o, diz o proprio Emanuel, modestamente, que lhe não foi preciso descobrir nada, nem fazer esforço extraordinario.

« Bastou-me raspar a espessa crôsta de romantismo, as sobrepostas camadas de rhetorica com que os meus antecessores, pensando interpretal-os, cobriram, desfiguraram os heroes de Shakespeare. »

Estudou-os profundamente, procurou comprehender e comprehendeu a intenção, o pensamento, a natureza psychica e o temperamento dos personagens do grande tragediographo, e representou-os com a maxima naturalidade, com toda a possivel verosimilhança, escravizado á verdade e á natu-

reza, que constituem o fundo e a impercibibilidade d'essas creações, e inteiramente despreoccupado dos effectos. Emfim, humanisou-as unicamente por este meio: *destheatralisando-as*, pois que *theatral* era synonymo de falso e desnatural.

Que diria Zola se visse, emfim, Emanuel triumphar no theatro — no drama, na tragedia, na comedia, — unicamente por meio da naturalidade e da verdade? Ah! que contentamento não seria o do grande romancista francez vendo o grande artista italiano representar Balzac como elle o fez hontem!

A fórmula do theatro naturalista é, para Emilio Zola, a seguinte: «O homem physiologico—psychologico, se o preferis—determinado pelos meios, estudado nas funcções totaes da vida; todo o interesse da peça concentrado na analyse dos caracteres, dos sentimentos e das paixões; a acção constituida por um facto apenas, unico e verdadeiro, produzido e soffrido pelos personagens, agitando a sua humanidade até á extrema conclusão logica.» (2)

Pois bem; o genio capaz de realisar essa fórmula, de fincar a bandeira do Naturalismo nas tahoas podres do palco romantico, está encontrado — é Giovanni Emanuel.

Para mim elle é o artista maior que tem vindo ao Brazil, e, se percorrer as capitães europeas, estudando sempre e apurando progressivamente a sua fórmula artistica, será no seculo XX o actor mais celebre do seculo XIX, porque a este deverá aquelle a victoria definitiva do Naturalismo no theatro, auxiliada poderosissimamente — senão realisada de todo — pelo artista sincero, expontaneo, modesto, e, no emtanto, assombroso, que se chama, singellamente, — GIOVANNI EMANUEL.

VALENTIM MAGALHÃES.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

A não ser o attentado de Vicente Amabile contra o Barão de Guararema, não houve nesta semana facto sentimental com que um chronista honesto pudesse provocar a lagryma do leitor sensivel.

Foi uma semana essencialmente artistica, particularmente theatral.

Deu-se um facto que, se como ironia foi um tanto hrutal e grosseiro, como pilheria e como troça foi digno da admiração publica e da attenção investigadora da Posteridade.

Refro-me — perdõem-me os indignados! — refiro-me á deslunhrante e nuca vista ovação feita á sublime actriz Julia Madeira, natural de Campos, segunda gloria dos Goytacazes, *pendant* do não meaos campista, o illustre commendadorissimo Sr. Malvino Reis.

A actriz Julia Madeira já não é uma criança: não é mesmo aquella menina e moça que foi levada de casa de seu pae pera longes terras sem saher quaí fosse a causa d'aquella sua levada, como diz o Bernardim Ribeiro; a idade da Sra. Madeira é regular; não tem tanta como o Silva Pereira nem tão pouca como o Figueiredo Coimhra. Regular, emfim. Mas que talento dramatico, que alma de artista, que voca-

ção para a scena! Não sendo ainda extremamente velha, a Sra Madeira passa para a galeria das esperanças da patria.

Foi consagrada na capital do Imperio.

Agora só lhe falta ir a S. Paulo, onde a espera, ancioso e tremulo, o nosso collega Navarro de Andrade, para lhe chamar Sarah Bernhardt Campista, e onde a colonia de Campos mandará esculpir em goiabada, para offerecol-o ao abalisado critico, o busto do mesmo referido critico abalisado.

O que eu sinto é não poder animal-a egualmente como escriptora. O artigo publicado pela insigne recitadora da *Dalila*, em agradecimento á ovação recebida, não tem originalidade nenhuma. E' uma copia do agradecimento publicado pela actriz Virginia da Silva no *Jornal* de 25.

Ha quem diga — e já houve mesmo quem escrevesse — que as manifestações de apreço e os entusiasticos applausos com que os frequentadores do theatro D. Pedro II têm victoriado o actor Emanuel, occultam o fim mesquinho de depreciar a companhia dramatica portugueza e especialmente o actor Brazão, que representa alguns papeis do repertorio de Emanuel. Este julgamento absurdo tem feito das apreciações de arte uma questão de patriotismo. Parece incrivel, mas é a verdade.

Ora eu tenho assistido a quasi todos os espectaculos da companhia italiana, e affirmo que nunca vi applausos mais expontaneos, menos combinados, e mais entusiasticos do que os que o publico tem tributado ao grande actor italiano. No numero dos espectadores que nplaudem calorosamente Emanuel, tenho visto muitos artistas da companhia portugueza, e entre elles o proprio Brazão, hatendo as palmas, prolongadamente, de pé. Esta homenagem prestada pelos artistas portuguezes ao creador genial das novas iaterpretações naturalistas do theatro de Shakespeare, de Cossa e de Giacometti, arreda por si só qualquer suspeita de combinação prévia.

Partindo do falso julgamento das intenções alheias, os frequentadores do S. Pedro arredaram-se systematicamente do D. Pedro II, — fazendo assim o que injustamente imputam aos outros — e não trepidaram em estabelecer confronto entre o merito de Brazão e o de Emanuel. Esquecem-se, porém, de que o merito é relativo, e chegam a todos os disparates, até ao de inscreverem na dedicatoria de uma corôa para Brazão o titulo de *Rei dos tragicos*, — que, a dizer a verdade, cahia bem melhor numa taboleta do que numa corôa.

Os confrontos entre dois artistas, na presença de ambos, mesmo quando feitos com delicadeza e sinceridade, têm sempre qualquer coisa de odioso. Ninguém nega — nem conscienciosamente pode negar, — o merito artistico de Eduardo Brazão; todos lhe reconhecem o talento, todos lhe applaudem os esforços, todos lhe louvam o trabalho. Mas Brazão é um actor de comedia, um grande actor ee quizerem, mas de comedia. Na comedia, na alta comedia moderna, ninguém é mais fino, mais delicado, mais gracioso, mais superiormente artista, mais acabado *diseur* do que o notavel actor portuguez. Os ignorantes, porém, pensam que vale meos

um grande actor de comedia do que um grande actor de tragedia. Aqui está a relatividade do merito. Brazão, nobremente ambicioso de gloria, cheio de talento e de vontade, lembrou-se de representar Shakespeare. Representou-o, e representou-o de modo a ser applaudido e animado; mas todos sabemos, que, mesmo em Portugal, o exito não correspondeu no esforço; e Brazão que pode ser e é notavel na comedia moderna, custa-lhe contentar-se com ser mediocre na tragedia antiga.

Alem d'isto, occorre-me outra consideração. A tragedia, em geral, exige uma forte e possante constituição physica. Um tragico precisa de ter corpo e voz. Ora ninguem poderá negar que tudo isto falta ao sympathetic e notavel actor portuguez. E' franzino e dehil, e a sua voz tem uma só nota e é de pouca extensão.

— Represento o Othello sem nenhuma pretensão; represento-o com este corpinho, e no dia seguinte não posso levantar-mo da cama; — disse-me elle proprio uma vez.

Mas, se quizermos insistir no confronto, admittamos que Brazão representa a primor os personagens de Shakespeare. Muito bem. Digam-mo agora que faz Brazão no *Hamlet* que já não fosse feito por Salvini e Rossi; digam-me que faz elle de novo; que progresso trouxe á arte de representar; que passos deu adiante dos seus predecessores?

E aqui, meus ricos senhores, aqui é que está o traço que separa Emanuel: não só de Brazão mas de todos os interpretes de Shakespeare que temos visto até hoje.

O grande merito de Emanuel, o que ha de levar o seu nome á Posteridade e á gloria — não é a accentuação mais ou menos dramatica, a emoção mais ou menos tragica, a perfeição sentimental e, por assim dizer, exterior, dos papeis que representa; o que o faz maior que todos, o que nos obriga a applaudil-o com furor e com consciencia, é a sua maneira de interpretação e são os seus meios de execução; o seu merito maior, o seu merito inolvidavel está em ter levado a *Verdade* á arte de representar — unica onde este elemento essencial não tinha ainda conseguido penetrar. Salvini é um artista enorme; Rossi é um grande actor. Emanuel é um actor verdadeiro. Faz do theatro o espelho da natureza, como queria Shakespeare, — e é isto que elle faz mais do que todos.

Como não faz nada equal nem parecido com o que os outros fazem, como tem o seu processo pessoal, a sua formula original, a sua esthetica individual; como se separa de todos os outros artistas, como é um innovador e um reformador, como é um rebelde contra a convenção e um revoltado contra as tradicções, como é, emfim, uma individualidade á parte — não pode ser comparado a ninguem, e é um absurdo confrontal-o com outros artistas, mesmo com os grandes, com os geniaes, com os que encheram uma epocha artistica com o seu nome e com a sua gloria.

Não se diz que seja maior nem melhor diz-se que é *differente*, e vae nisto o maior elogio que se lhe pôde fazer, porque sempre a originalidade foi considerada como elemento essencial e de altissimo valor na obra de arte.

E tal qual como eu, pensa a maior parte dos admiradores de Emanuel. A admiração é pois sincera, consciente e convicta, e ninguem se lemhra de outro

(2) E. Zola. Prefacio de *Remés*. 1887.

artista nem pensu em mesquinhas represalias, quando applaude até ao delirio os trabalhos colossaes do grande artista.

Pobres de espirito, os que para julgar a obra de arte indagam da nacionalidade do artista. Applaudem-se e invejam-se o productor pelo producto, e não o producto pelo productor. Isto é que é serio. Tudo o que não seja isto é absurdo e é parvo. Não ha sympathias pessoasas por Emanuel; ha admiração pelo artista.

Eu, por exemplo, se elle me não satisfaz, como já uma vez aconteceu, deixo-me ficar tranquillo na minha cadeira, quando cae o panno, e enfiço as minhas mãos nos bolsos. Mas quando elle me agrada, quando elle me arrebatá, quando elle me subjuga com todo o poder immenso do seu talento, onde poderia haver futilissimas considerações de nacionalidade que me impedissem do applaudir e de lhe gritar os meus — *bravos*? O mesmo faço com Brazão, com os irmãos Rosa e com todos os artistas que me communicam os sentimentos e as paixões dos seus personagens. Não tenho prevenções, nem *parti-pris*, nem antipathias por nenhum artista. Assim todos os espectadores do D. Pedro II, onde, nos intervallos, ninguém discute Brazão.

Fala-se principalmente contra a Imprensa, taxando-se de parciais as folhas luminescentes, e contrarias á companhia por ser portugueza; mas é preciso não esquecer que os criticos de quatro d'essas folhas são portuguezes, e que não podem, portanto, ser infensos á nacionalidade de Brazão.

O muito que se tem dicto e o algo que já se escreveu, não tem, pois, nenhum fundamento serio.

E' que a asneira, quando se desencana-brestra, pincha e espinoteia mais do que o onagro bravo da *Dama Pé-de-cabra*, de Herculano.

Livre-nos d'ella o bom Jove, Todo-poderoso e Omnisciente!

FILINDAL.

## GAZETILHA LITTERARIA

Os acreditados livroides editores, de Lisboa, Campos, & C. emprehenderam a publicação das obras completas de Camillo Castello Branco em edição definitiva, uniforme, revista e corregida pelo auctor.

Os intuits d'essa gigantesca empreza são expostos pelos editores, nos prospectos distribuidos, com as seguintes linhas:

« Emprehendendo a reedição das obras de Camillo Castello Branco, nós temos por objecto: em primeiro lugar, erguer um monumento, tão alevantageado quanto em nossas forças caiba, á individualidade mais possante de que devem orgulhar-se actualmte as letras portuguezas, e depois, como fatal consequência, abastecer o nosso mercado litterario, quasi completamente exausto, das obras a que o grande escriptor deve os mais brilhantes flores da sua coroa de gloria.

Com effeito, os romances de Camillo Castello Branco, que constituiram uma das mais interessantes leituras da nossa mocidade, estavam em risco de desaparecer completamente das livra-

rias; e com elles, quantas suaves emoções, quantos consoladores sorrisos, quantas deliciosas lagrymas de commovida ternura, não eram roubadas áquelles que procuram o mais fino dos seus enthusiasmos artisticos na leitura de novellas e romances! Porque Camillo Castello Branco, o mais genuino representante da tradicional graça portugueza, mais subtil e espontanea do que o *humour* britannico, mais consistente e porventura mais profunda do que a *verve* gauleza, sabe ao mesmo tempo condensar nuna pagina, num periodo, numa phrase por vezes, o que ha de mais ternamente delicado e sublime dentro do coração humano. E' esse duplo aspecto que caracteriza singularmente as suas novellas, é principalmente devido a esse subido merecimento que elle se ergueu nas letras ás alturas onde se podem ascender os grandes creadores, como Balzac, Flaubert, Dumas, Stendhal, George Sand; e é emfim por o considerarmos sob tão elevado ponto de vista que não duvidamos de envidar todos os nossos esforços para que o monumento que levantamos á sua gloria seja digno do seu grande nome e da terra que se orgulha por lhe ter dado o nascimento. »

Applaudimos com enthusiasmo esta grande idéia, pois outro mais bello e mais digno monumento não podia ser levantado ao excepcional merecimento d'este homem que, na phrase de Urbano Duarte, vale uma litteratura.

Encstará a publicação o romance *O retrato de Ricardina*, o primeiro escripto por Camillo, na idade de 18 annos.

Já vimos os tres primeiros fasciculos impressos.

E' representante da empreza nesta Corte o Sr. J. A. Roque.

## A BENÇÃO DA MORTA

Olha tu! quanta vez por esta sala, Quando os mutuos anhelos permutamos, Nós, anciosos e soffregos, cuidamos Ouvir os echos de louquinha fala!

E ficamos attentos! e ficamos Largas horas inteiras a escutal-a, Que ora sóbe, ora desce, ora se cala, Enquanto olhos e ouvidos espartamos.

Ella!.. Vemol-a emfim que vem chegando... De longe o olhar em nós, sereno e brando, Descansa; e, entrando por aquella porta,

Chega... e sentimos sobre nós pousadas As mãos da morta... as finas mãos nevadas, Carinhosas e tremulas, da morta.

J. DIAS DA ROCHA.

## UMA EXPLICAÇÃO

No artigo publicado no ultimo numero da *Semana* sobre n distincto artista Bento Barbosa, escrevi um topico innocentissimo que provocou da parte do Sr. Henrique Stepple algumas observações, pomposamente denominadas por elle o *restabelecimento da verdade*.

Eis o topico:

« No *Gryphus*, ephemera publicação de caricaturas, cujos leitores eu fra

incumbido de fazer a-lormecer sob a influencia da minha prosa fasciadora, fez o Barbosa algumas paginas magnificas, que dariam honra a qualquer desenhista de nomeada. »

O meu amigo Sr. Stepple, respondendo, no caracter de ex-director d'aquella publicação, a estas minhas palavras, disse que d'ellas se depreheende que eu era o seu unico redactor. Contestando o topico, cita o nome de algumas pessoas que haviam sido, como eu, incumbidas de escrever o texto do *Gryphus*.

Ora, do que eu escrevi não se depreheende o que pareceu ao meu escrupuloso amigo; nem eu quereria por modo algum tirar aos ex-redactores do *Gryphus*, meus collegas, as glorias que por isso incontestavelmente lhes cabem. O meu trecho é clarissimo, e já agora, illuminado ainda mais pela contestação do Sr. Stepple, que não restabelece em cousa nenhuma a verdade, porque a verdade já estava emnigo, nua e crua, como é de praxe; já agora, repito, o meu trecho, depois da replica, só peccará talvez por excesso de luz.

Dito isto, que me parece sufficiente para mostrar a toda evidencia que o Sr. Stepple não teve razão com o seu *restabelecimento da verdade*, peço licença para publicar logo adiante uma carta que a tal respeito me foi dirigida pelo Sr. Eugenio Marcondes, um dos ex-redactores do *Gryphus*, e n qual seguramente trará ainda mais luz a este caso.

FIGUEIREDO COIMBRA.

Eis a carta:

« Meu caro Figueiredo Coimbra:

Respouendo a um artigo teu publicado na *Semana*, disse hoje o Sr. Henrique Stepple, pela folha de que é redactor chefe e com o fim de restabelecer a verdade, que os collaboradores assiduos do *Gryphus*, foram os Srs. Visconti Couracy, Euclides Freitas, Oscar Pederneiras e o signatario d'esta.

Já que é occasião de restabelecer-se a verdade, restabeleça-se *in totum*. Quando eu entrei para a redacção do *Gryphus*, depois da publicação do 1º numero e antes da do 2º, já o Sr. Oscar Pederneiras lá não estava.

Faço esta declaração: 1º, por amar a verdade; 2º, porque, tendo eu, vae para dois annos, atirado ás urtigas aquelle candelabro da litteratura amena, que anda a reproduzir nas *varias* do *Jornal* os versos de pé quebrado do *Zé Caipora*, podia inferir-se, da forma porque está redigido o periodo do Sr. Stepple, que eu collaborei de sucia com elle, durante a curta porem brilhante existencia do *Gryphus*. Sinto declarar isto no dia em que deixo de fazer parte da redacção do *Diario Illustrado*; mas eu não escolho dias para dizer as coisas. 24 de Julho de 1887.—Eugenio Marcondes.

## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Do Sr. J. A. Roque, agente da importante casa editora de Campos & C., de Lisboa, recebemos um exemplar da magnifica edição do *Hamlet*, traduzido por José Antonio de Freitas.

A traducção é precedida de um longo estudo critico da obra, escripto

pelo traductor. Este estudo é de um alto valor scientifico e litterario. Embora estejamos em muitos pontos em desacordo com o auctor, confessamos que a analyse de *Hamlet* é feita com larga erudição e muito talento, e que, acceltas as premissas, são perfeitamente logicas as deducções do auctor. Affirma o Sr. Freitas que *Hamlet* é um hysterico e documenta brilhantemente a sua affirmação. Não estamos de accordo, mas como não temos espaço para demonstrar largamente a nossa opinião, limitamo-nos a applaudir o paciente trabalho do Sr. Freitas.

A edição é primorosa e honra muitissimo os credits da casa Campos & C. Agrdecemo-nos o exemplar que nos foi remetido.

Amamos o raro mais do que o agradável e que das cousas nos deleita é menos a alegria effectiva e real que ellas nos dão do que a de sentirmos que outros estão privados d'ellas.

FR. SARGENT.

## Balzac julgado por Larousse

Il ne comprend pas que le véritable homme du siècle est Balzac. (Zola—*Le Roman Experimental*).

O grande dictionario universal do seculo XIX não é, como muitos pensam, uma accumulção de conhecimentos varios, tendo por fim dar noções geraes sobre todos os ramos de conhecimentos humanos. A intenção de seu auctor, Larousse, era compor uma obra «où nos descendants apprendront l'histoire de nos idées.»

Se essa mole immensa de 16 euormos volumes não tivesse um fim tão grande, seria inexplicavel sua gigantesca estructura, comparavel aos idolos dos pagodes indús,—colossos inuteis e inanimados.

Mas vejamos se o auctor foi fiel ao titulo dado ao seu dictionario, denominado do seculo XIX «parce qu'il traite de toutes choses selon l'esprit du XIXe siècle.» Na parte litteraria produziremos o nome do *homme du seculo*.—Balzac.

O que nos diz d'elle o dictionario? «Que Balzac descrevia pessimamente é com grande difficuldade, que sua linguagem era detestavel, que tinha a tola presumpção de crer que seus typos eram reaes e varios, que seus romances não sao imaginosos, que seus romances não formam um monumento harmonico, mas um ajuntamento casual e sem nexo, como os romances de Paulo de Kock!...» Um acervo de sandices reproduzidas dos defensores da escola romantica, já moribunda em 1839.

E os nossos descendentes, lendo Larousse e Balzac, que juizo formarão de nós? Julgarão mesmo que Larousse foi o fiel interprete da nossa opinião sobre Balzac?

Cremos que não, por serem excessivamente futeis as accusações capitaes formuladas por Larousse, inspirado em Julio Janin, Sainte-Beuve, etc.

Accusar Balzac de não saber descrever, quando Balzac diz nas descrições tudo o que é necessario, mas só o que é

indispensável... Só quem ignore inteiramente os princípios do determinismo poderá dizer que Balzac não sabe descrever, e que é fastidioso e longo em suas descrições. Mas, desde que se considere um momento que a noção do romance nasce do meio em que elle se desenvolve, ver-se-á quão interessantes e quão precisas são as descrições do grande mestre do romance moderno.

No romance moderno ha dous unicos elementos em jogo: o caracter dos personagens e o influxo do mundo externo. D'esses dous elementos brota a acção inteira. Como pois escrever um romance sem descripção minuciosa dos typos e do theatro do acontecimento?

Note-se quo nem sempre Balzac era extenso em suas descripções. Cesar Bironneau, Mme. Marneffe, Père Grandet e tantos outros typos são talhados por assim dizer instantaneamente pelo grande romancista, e, não obstante, têm tanta vida como a mais perfeita obra de Miguel Angelo. Não posso comprehendêr quadro mais vivo do que o do primeiro encontro de Hult com Mme. Marneffe: eu os vejo claramente quando leio as poucas linhas em que Balzac descreve o facto.

Diz ainda Larousse que não eram reaes os typos do Balzac. Mas quando os nossos descendentes encontrarem entre os seus contemporaneos os Hulots, as Estheres, as Cormons, as Restauds, as Nucingens, os Rastignacs, typos que não de reaparecer entre os nossos posterios, que juizo formarão de nós e de Larousse, a menos que queirão pensar que Balzac não era realista mas prophético?

Larousse accusa a Balzac de plagiar... e de plagiar de W. Scott! (A accusação é *plagiada* de Julio Janin). Que mistura! Basta reflectir um momento sobre a differença dos methodos dos dous escriptores para ver a inadmissibilidade da accusação. Para Balzac as fontes de conhecimento eram a observação e a experimentação; para W. Scott a tradição e a historia.

E' possivel que em alguns quadros haja semelhança; mas não são esses quadros incidentes que constituem a grandeza de cada um d'esses escriptores. No conjunto da obra elles differem radicalmente.

O material de que dispoem todos os escriptores é sempre o mesmo; a differença está no resultado geral e total. Nana é a Cousine Bette moderna e actual. Em menos de meio seculo as Marneffes transformaram-se em Nanas, e os Hulots em Mufats. Foi pois necessário que Zola refundisse a Cousine Bette de Balzac. Entretanto lembrou-se alguém de accusar Zola de plagiar Balzac?

Assim como não accusamos de plagio ao architecto que emprega as ordens classicas, assim tambem não podemos dirigir tal censura ao escriptor que lança mão de materias de que outros já se serviram.

De todas as accusações a mais ridicula é a de ser Balzac comparavel a Paulo de Kock. A Comedia Humana comparada ás obras de P. de Kock!... *Consummatum est!* Como se não de rir de nós os nossos descendentes, para os quaes escreveu Larousse o seu dictionario...

Dentre os monumentos que o seculo XIX legará aos vindouros figura como um dos mais notaveis a *Comedia Hu-*

mana. Nella fica estampada a nossa vida e a nossa historia.

Larousse, filiado ás doutrinas adeantadas, devêr a ter comprehendido isso, e vêr em Balzac um dos mais arrojados campeões do Progresso.

Felizmente para dar aos posterios idéia do altissimo conceito em que temos o auctor da *Comedia Humana* ahi estão vasadas, no molde de grande mestre, as obras de Zola, dos Goncourts, de Daudet, de Flaubert e da nova legião que diariamente cresce.

E' este monumento mais duradouro do que a opinião apaixonada de Larousse, a quem a nova geração, neste ponto, abandona para marchar sob as bandeiras de Balzac.

BLASIUS.

ATASIUS NÖLL.

Um facto ha incontestavel em meio de tantos progressos materiaes: o senso moral baixou.

MICHELET.

## A DOMADORA

*Ella era loira e branca e pallida e formosa;  
Tinha no olhar azul a chamma caprichosa  
Do dominio, do mando altivo e senhoril.  
Quando assomava ousada o magico perfil  
A' jaula, onde rugia a multidão das feras,  
Dobravam docilmente hyenas e pantheras  
A ferina cerviz ao gesto lenadoril.  
Do seu olhar de fogo ao lúcido esplendor  
Sentiam-se tremer—tremor como crianças,  
As feras tropicaes affeitas ás matanças,  
A's fúrias e ao calor dos lybicos serões,  
Rojavam-se por terra os dorsos dos leões,  
E ella afagava a rir com suas mãos mimosas  
As jubas collosaes, sanhudas, temerosas.  
Os reis das solidões eram vassallos seus,  
Feras que tinham visto a luz de estranhos ceus,  
Que nas mattas á noite a pousar andavam,  
Que livres, sem temor, as selvas dominavam,  
Tigres rudes e máus, de coração feroz:  
Todos, na jaula ao vé-la, ao som da sua voz,  
Passivos, sem vigor, tremiam mudamente.*

*Uma vez, ante o olhar do publico fremente,  
A domadora entrou na jaula collossal,  
Dos applausos febris ao cêro triumphal.*

*Entrou calma e gentil.*

*No seu formoso seio  
Nem houve a pulsação mais leve do recio.  
Ao seu gesto de fada as feras dominou;  
Co'a mão nervosa e branca o dôrso acarinhou  
Das pantheras cruéis de pelles marchetadas.*

*Viu, porém, ao clamor das massas assustadas,  
Um leão, frente a frente, o seu perfil erguer  
E no sanhuço mar da juba a estremecer  
Perpassar o furor tremendo da revolta,  
Agitando os annéis da cabelleira solta.*

*Luziu em seu olhar a chamma do terror,  
Procurou recobrar as forças e o valor  
E poudo novamente, após, longos instantes,  
Vêr o monstro baixar as jubas palpitantes.*

*Frenetica ovação no circo restrugiu.*

*Mas a fera prostrada em seu semblante viu  
um riso de desprezo...*

*Em subitaneo avranço  
Nas garras lacerou-lhe o collo fino e branco,  
E mesclou-se do povo o pávido clamor  
Aos uivos infernaes de rábido furor...*

*Quando o leão cahiu das balas ás feridas,  
Havia pelo chão, trementes... esparzidas...  
Carnes alvas, em sangue ainda a gottejar.*

*Nas órbitas sem luz do leonino olhar  
Sentia-se, porém, na cólera fremente  
Resuscitar a féra, a lybia féra ardente...*

ENVOI A S. L.

*Tu, minha doce amada, ó candida mulher,  
Que sentes a teus pés rojar-me e estremecer,  
Que fizeste de mim, de mim: féra altaneira,  
Servo docil e bom, que á sua vida insira  
Só busoa inspiração do teu olhar na luz;  
Tu, cuja doce voz todo o meu ser reduz  
A' passiva e feti obediência louca  
A's despóticas leis da tua rubra bócca;  
Tu, que poisas agora o teu mimoso pé  
Na juba do leão sem sonhose sem fé,  
Que derribou, na sanha outr'ora da descrença,  
Dos amores banaes a legião immensa;  
Tu, celeste mulher, mulher casta e gentil,  
A cuja lei me rojo, humillimo e servil,  
— não me lances jámais o teu desprezo frio,  
Que has de me vêr erguer, e pallido e sombrio,  
Como o leão oruel de lybico furor,  
Despedaçar por tí o meu immenso amor!*

## COPRE DAS GRAÇAS

Conversam dois leitores dos *Versos e Versões*, de Raymundo Corrêa.

— Sim, senhor! pôde, se dizer que são só versões!

— Como?! não diga isso! ha muitos versos originaes...

— O que eu digo é que são todos uns grandes versos, uns *versões*!

Perguntaram um dia a Alexandre Dumas filho, que insistia com grande empenho em ser recebido na Academia, se era cousa indispensavel ser academico:

— Não, respondeu elle; mas sempre é divertido pertencer a uma corporação em que se só podem entrar quarenta pessoas.

Authentica:

Depois da missa sahia da igreja de S. Francisco de Paula um cavalheiro elegante, de aprimorado trajar. Um mendigo estendeu-lhe a mão, supplicando uma esmola.

— O cavalheiro. Desculpa, meu velho. Deixei em casa o collete em que estava todo o meu dinheiro. Estou sem um vintem.

— O mendigo, compadecido — Coitado!

Bebé está cortando tiras de jornal com uma tesoura.

O pae (que é jornalista) pergunta-lhe:

— Que fazes, Bébé?

— Estou escrevendo um artigo, pae.

Se era assim que elle via o pae escrever artigos!

BIBIANO.

## NOTAS PHILOLOGICAS

A formação dos patronymicos é ainda um problema obscuro nas linguas romanicas peninsulares. Conheço tres soluções dadas á questão, e todas ellas, por mais de um motivo, interessantes.

O padre Larramendi, em seu antigo e

vigoroso livro *El imposible vencido*, explica o suffixo dos patronymicos pela posposição do artigo vasconense ou biscainho: EZ.

*Per-ex*—de Pero  
*Martinez, Martins*—de Martinho.  
*Garcex*—de Garcia.  
*Eannes, Ennes*—de João.

Que os nomes são patronymicos, é cousa fôr de duvida. Mas a influencia do biscainho é contestavel, até porque este processo onomastico é desconhecido inteiramente naquella lingua, como o proprio Larramendi se appressa em confessar.

Frederico Diez, na introdução do seu *Etymologische Wörterbrech* dá como solução de maior certeza a sobrevivencia do genitivo gothico em is:

*Rodrigues* — *Roderiquiz*.  
Goth — *Hrôthareikis*.  
*Fernandes* — *Fredinandix*.  
Goth. — *Frihananthis*.

Esta solução tem a vantagem consideravel, em seu favor, de que os cognomes e prenomes romanicos antigos são, na maioria, germanicos. Mas, não obstante, é preciso notar que o elemento gothico de todo se latinisou; e as suas flexões fundiram-se no latim barbare e nem são apreciaveis á critica.

Além disto, porque no italiano deixou de ser verificavel a hypothese de Diez?

Knapps, ao que me parece, resolveu a questão. A noção do patronymico exprime a origem, e nunca a posse ou restricção. O caso correlato deve ser o ablativo, e Knapps documenta a sua affirmacão:

Laynez—*De Latinis*.  
Paes—*De Pelagies*.

Esta denominação explica a origem e designa as familias dos latinos, dos Rodrigues, dos Pelagios, (Paio) etc.

Ainda mais: a flexão é do plural, o que se verifica amplamente nas formas analyticas do italiano, em i:

Galileo de' *Galilei*  
Martino de' *Martini*

Parece, pois, assentado que nem o biscainho nem o teutonico trouxeram ao nosso idioma a riqueza de patronymicos; foi ainda o latim que nol-a dou e prodigamente.

JOÃO RIBEIRO.

## THEATROS

D. PEDRO II

Companhia dramatica italiana dirigida por G. Emanuel

Frou-Frou

Sabbado passado, realisou-se o beneficio da primeira dama da excellentissima companhia dirigida pelo grande artista Emanuel,—Virginia Reiter,—representando-se a adoravel, a deliciosa comedia de Meilhac e Hallevy—*Frou-Frou*.

Já temos rendido ao talento da joven actriz as homenagens que merece e

feito a devida justiça ás suas qualidades artisticas.

Actriz muito moça ainda, sómente vinte e um annos de idade, fazendo ha seis mezes apenas primeiros papeis, não ha direito de exigir d'ella que interprete protagonistas de peças como *Fedora* o *Frou-Frou* com a mesma proficiencia e o mesmo primor de Sarah Bernhardt ou Duse-Cheechi.

O que Virginia Reiter consegue, tão moça e com tão curto tirocinio do palco, já é muito, muitissimo. Mais cinco annos de estudo e ella será uma artista admiravel, notabilissima. É moça, bella, graciosa; tem uma voz encantadora, ductil, de grande riqueza phonica; physionomia expressiva, animada por grandes olhos negros e delicioso sorriso; andar elegante; porte distincto e airoso. Tem talento, grande intuição, vivo desejo de progredir e grande amor á Arte; e, além de tudo isso, o mais abalizado, o melhor dos mestres.

Precisa apenas de, como os costumes dizer, dar tempo ao tempo.

Só lhe falta experiencia, pratica, continuação de representar.

Assim se explicam os altos e baixos do seu trabalho, os acertos e desacertos da sua interpretação, as bellezas e deficiencias da sua execução.

Foi o que observámos e aqui dissemos de Virginia Reiter na *Fedora* e hoje dizemos d'ella em *Frou-Frou*.

Fez admiravelmente, com extrema graça e adoravel volubilidade, os dois primeiros actos, sobretudo a scena do ensino; nos ultimos teve algumas scenas de energia e sentimento magnificas, especialmente aquella em que rompe com a irmã, reivindicando os seus direitos de esposa e mãe.

Foi applaudida com enthusiasmo, recebendo, ao terminar a peça, estrepitosa ovação.

Numeroso grupo de admiradores acompanhou-a até á casa, dando-lhe vivas delirantes e ruidosas salvas de plausão. Foi merecida manifestação.

Emanuel, escusado é dizel-o, deu-nos um admiravel, um perfeito Sartorys, sem contudo fazer-nos esquecer Flavio Andô, que era inexcidivel nesse papel, o melhor, siliás, de seu repertorio.

Valenti é decididamente um valentissimo artista. Não o vimos ainda fazer mal nenhum papel, nem sequer mediocrementemente.

Reprouduziu irreprehensivelmente aquelle interessantissimo pae Brigard, conselador de Carlotas... consolaveis, *viveur* alegrissimo, mas, em fundo, uma boa alma, affectuosa e terna.

A Sra. Aleotti, que, na companhia Rossi-Duse-Chechi, fizera o papel de baroneza com distincção, estava constrangida no de Luiza. Não esperamos ver mais este papel tão bem feito como pela actriz Malvau, que secundava Sarah Bernhardt admiravelmente.

Os demais artistas concorreram para a harmonia do conjuncto.

Nesta, como as outras companhias italianas que temos visto, nota-se um bello *ensemble*, grande cuidado por parte de todos os artistas na interpretação dos seus papeis, por menos importantes, e escrupulosa sñação.

Emilio Zola, no seu livro *Le naturalisme au theatre*, faz esta mesma observação, dizendo com toda a verdade:

«O que muito me admira nos artistas italianos é a maneira convicta com que

representam. Nem uma vez olham para o publico: a sala não existe para elles.

« Quando escutam, fixam os olhos sobre o personagem que fala, e quando falam, dirigem-se realmente ao personagem que escuta. Nenhum delles se desvia até á caixa do ponto, como um cantor que vai cantar a sua grande ária, Dão as costas á orchestra, entram, dizem o que têm a dizer e vão-se embora, naturalmente, sem o minimo esforço para attrahir sobre suas pessoas a attenção dos espectadores. Tudo isso parece pouca coisa e é enorme, sobretudo para nós, em França.

E em seguida mostram como representam falsamente e convencionalmente os caracteres francezes que, no que parece, acreditam que o theatre nada deve ter de commum com a vida real.»

E isso em França!

Que diremos nós dos nossos?

O BASTARDO. MERCADET. O REI ARDUINO

Na noite de quarta-feira deu-nos Emanuel nada menos do tres admiraveis provas do seu enorme talento. Representou *O Bastardo*, drama em dois actos, de Touroude; *Mercadet*, comedia em dois actos, de Balzac; e um acto, o ultimo, de *Arduino de Ivrea*, tragedia de S. Morelli.

*O Bastardo* é um drama absurdo, sem acção, mas audacioso no conceito final. Emanuel fez admiravelmente o papel do protagonista. Não se pôde ser mais apaixonado dentro dos limites da verdade, nem fazer com mais sentimento as scenas com o pae e com o irmão no segundo acto. Um trabalho bellissimo.

No *Mercadet* Emanuel fez uma soberba criação comica. Houve quem não gostasse d'aquella caracterisação originalissima, por suppor que *Mercadet* seja um banqueiro de Paris. Não é; é apenas um especulador da Bolsa, finorrio e velhaco. O typo é magnifico e de uma relevantissima propriedade. *O Mercadet*, estamos d'isto convencidos, é uma das mais notaveis creações do grande artista. O typo é desenhado com extraordinario vigor e conduzido perfeitamente, sem a menor vacillação, com originalidade e infinita graça. A malicia, a velhacria, todos os recursos do expediente tomado no momento da crise, foram sempre antes precedidos do que acompanhados pelo gesto, pelo olhar, pelo accionamento, com uma grande nitidez, com uma perfeição inexcidivel. A maneira de andar, o modo de falar, a finura velhaca do olhar agudo e perscrutador, a caracterisação e o traje — tudo demonstram a larga e completa comprehensão do typo que Balzac faz agir poderosamente e superiormente nos tres actos da soberba comedia, que Emanuel reduziu a dois.

No quinto acto do *Arduino* é grandioso o trabalho de Emanuel. Arduino sae para o pateo do convento para morrer so sr livre. Vem abatido e vacillante, aspirando o ar a plenos pulmões, com ebriedade e com ancia. Depois cae moribundo ao sopé de uma cruz e tem uma longa e pungente agonia nos braços do filho. Esta agonia é representada com um realismo assombroso. Vê-se morrer o grande rei que primeiro concebeu a idéa da unificação italiana. Esplendido trabalho, de grandes linhas e de immensa verdade; grandioso, mas humano.

No fim da peça o genial artista foi

enthusiasticamente victoriado pelo publico.

A cass esteve muito boa.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatre D. Maria II

A MARTYR

Em beneficio da actriz Virginia, subido á scena no dia 22, este conhecido drama de D'Ennery.

A beneficiada fez brilhantemente o papel da protagonista. Teve scenas muito felizes e deu ao papel animação e relevo.

João Rosa é um magnifico conde de Moray. Conduz o personagem sempre com distincção e sentimento. Augusto Rosa foi um excellent Drake; fino, elegante, distincto, com muita graça. Grande parte das honras do desempenho cabe sem duvida á Sra. Falco, que representou com extraordinario sentimento e profunda expressão o papel da Sra. Delamarche. Um bello typo de fidalga, nobre e correcto.

Bem, a Sra. Amelia da Silveira no papel da menina Paulina.

O Sr. Ferreira da Silva, que é um principiante de futuro, porque parece ter talento, fez regularmente o papel de Roberto Burel.

Durante todo o espectáculo a beneficiada recebeu do publico e dos seus admiradores inequivocas e calorosas provas de apreço. Foi chamada á scena innumeradas vezes, recebeu valiosos presentes, e no fim do espectáculo os seus admiradores mais convictos atiraram-se enthusiasmicamente aos varões de sua carruagem e foram-na tirando até Botafogo, onde reside a distincta actriz.

OTHELLO

Foi na quinta feira o beneficio do sympathico actor Brazão, com a primeira do *Othello* de Shakespeare. João Rosa fez notavelmente o papel de Iago.

O publico, que enchia litteralmente o theatre, fez uma extraordinaria ovação ao beneficiado, e os seus admiradores brindaram-no com riquissimos presentes.

No proximo numero daremos circumstanciadas noticias do desempenho.

P. TALMA.

CONFISSÃO

A OLAVO BILAC

Hei-de um dia morrer e quando á vida  
O derradeiro adeus disser saudoso,  
O acerbo adeus da minha despedida,  
De ti me lembrarei triste e inditoso.

E só por ti eu me verei choroso  
No lugubre momento da partida,  
Que neste triste mndo venturoso  
Só vivo por te ver, doce querida.

Tanto que se não fosse a desventura  
De ver da vida a eterna noite escura,  
Feliz mil vezes eu seria, amor.

E só a morte polará um dia  
Em magua transformar esta siegría  
Da minha vida, minha amada dor.

ARTHUR MENDES.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedulas recebidas até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

O Guarany..... 52 votos  
Memorias posthumas de Brsz  
Cubas..... 42 »  
Motta Coqueiro..... 20 »  
O Eremita de Muquem..... 18 »  
Fatalidade de dois jovens..... 6 »  
Vicentina..... 1 »  
Memorias de um sargento de milicias..... 1 »  
Luciola..... 1 »  
João e Francisco..... 1 »  
O seminarista..... 1 »

Qual o melhor livro de contos ou novellas?

Papeis avulsos..... 39 votos  
Historias sem data..... 15 »  
Risos e galhofas..... 8 »  
Lendas..... 7 »  
Leitura variada..... 1 »  
Pillerias..... 1 »

Qual o melhor drama?

Mãe..... 72 votos  
Luxo e vaidade..... 15 »  
Antonio José..... 10 »  
O mulato..... 10 »  
Os dois embaçados..... 1 »  
Omphalia..... 1 »  
Martyrios de uma familia..... 1 »

Qual a melhor comedia?

Vespera de Reis..... 64 votos  
O Fantasma branco..... 52 »  
O noviço..... 38 »  
Demónio familiar..... 25 »  
Como se fazia um deputado..... 25 »  
Amor por anexins..... 3 »  
Os sonhadores..... 2 »  
Uma scena no sertão de Minns..... 1 »  
O pobre nmorado..... 1 »  
O Club Godipán..... 1 »

A mudança de modas é o imposto que a industria do poeta lança á vaidade do rico.

CHAMFORT.

JORNAL E REVISTAS

*Revista Illustrada*, n. 460. Orna a sua primeira pagina um excellent retrato de G. Emanuel. Nas outras encontram-se caricaturadas com muito espirito algumas scenas da politica Coté-gipe.

Delicioso o lapis do Angelo.  
O texto é de agradável e variada leitura.

O n. 12 do *Brazil Illustrado* contem regulares illustrações e bons trabalhos em prosa.

O collegas suspendeu provisoriamente a sua publicação, por causa de uma questão de papel. Desejamos que se suspenda em brsvs essa lamentavel euspensão.

A *Estação* anno XVI. n. 14. Traz elegantes figurinos e moldes, tudo á ultima moda pariziense. Na sua parte litteraria apparece o capitulo LXIX de *Quincas Borba* de Machado de Assis, *Chroniqueta* de Elôy, o Heroe e um soneto de Oliveira e Silva.

**A Imigração.** Temos o n. 34 d'esta importante publicação, órgão da Sociedade Central de Imigração. Traz o discurso do senador Taunay sobre Casamento Civil, trata de naturalizações, de imigração, e de outros assumptos de interesse patrio.

Chega-nos do Pará o 1.º n. d'A *Semana Illustrada*.

E' uma publicação hebdomadaria, bem escripta e desenhada com graça.

Desejamos-lhe longos e dilatados annos de existencia.

O fasc. 7—anno VII da *União Medica* contem excellentes escriptas sobre clinica therapeutica, uevropathologia, teratologia e uma importante revista dos livros que tractam de assumptos medicos.

A.

## « A RELIQUIA »

A Ezequiel Freire escreveu sobre a ultima obra de Eça de Queiroz o Dr. Carneiro Maia, — um bello talento, grandemente illustrado, que vive de ha muito arredio do movimento litterario — a seguinte curta, mas brillante e judiciosa carta:

« Meu caro colloga e amigo Dr. Ezequiel Freire.—Devolvendo a *Reliquia* de Eça de Queiroz, que me d'este a lér para regalo de estylo, ainda me sinto impressionado pelas rutilações d'esse diamante, sem par nos escriptos da moderna litteratura portugueza. Confesso que tinha prevenções asquerosas contra o auctor, pelo que ouvia dizer do seu estouvamento licencioso, e por m'o haverem recommendado como um d'esses bufarinheiros que por ali andam esgarafunhando proventos com as torpezas do naturalismo.

Não, senhor: Eça de Queiroz é uma individualidade muito farta, muito rica e de um esplendor artistico que não ha outro nestes tempos de celebridade facil e de encomiagens camaradescas. Se alguma vez nos apparece em mangas de camisa, irreverente, mordaz, audacioso, não o criminem por isso: é deitando assim a sua grande alma pela bocca rasgada e altiva, e despedindo as fagulhas d'esse ingenho acerado, e fino, como o gumo de uma navalha, que elle se torna grande, e de uma grandeza natural, talhada pelo seu genio para servir de molde a si proprio.—Escrevesse enlulado de pellica, e a penna cheirando ao incenso das sachristias, nem lhe achariam uma alma em cada phrase do seu livro, nem esses tons vivos, e nem esse cardume de imagens, ora soberbas e architecturadas como as magnificencias de uma ornamentação corinthia, ora mimosas como perolas em fio ennastradas de saphira.

Nas suas farpas agudas, e nas suas ironias sacrilegas ba demasias e requintes, que tornam a satyra pesada, suffocante, e por vezes mais chocante do que verosimil; mas, em perdão da sua *verve* maligna, ba abi muita pintura de costumes e de caracter; muita historia, muita arte, e muita scenographia curiosa; sobretudo essa descripção palpitante, relembando a morta Jerusalem, as suas convulsões lugubres e as peripicias tocantes do drama do Calvario.

Por ultimo, não desconheço que Eça de Queiroz tem licenciosidades bar-

haras e desalinhos impudicos; mas, como elle, entendem muitos, que a verdade na arto tom algumas vezes necessidões de expôr-se nún como a Venus do esculptor pagão, e que, velar-lho as fórmis seria fazer d'ella uma meatira chatn e ridicula.

Como quer que seja, a sua *Reliquia* contem um grande fundo de moralidade no modo porque se castiga afinal a hypocrisia e as devassidões de Theodorico, o libertino sem alma e sem coração que foi ao mesmo tempo um typo de ingratição na familia, e um fructo mangrado da Universidade.

Adeus, meu caro Ezequil; não esqueças

O vosso admirador e grato  
conterraneo

J. DE A. C. MAIA.

Rezende, 15 de Junho de 1887.

Nem sempre o que nos perde são as nossas faltas, mas a maneira de nos conduzirmos depois que as praticamos.

MME. DE LAMBERT.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Club Beethoven, a 18 do corrente, realizou com immensa concurrencia o seu esplendido concerto para inaugurar o novo edificio, levantado no terreno que fica ao lado do Club, esómente destinado ás suas festas musicas.

E' perfeitamente acabado e bello o novo edificio, offerecendo aos amadores um recinto expressamente feito, com elegancia, artistico e de magnifica acustica.

As cadeiras e galeria estão mui bem dispostas para que os socios e convidados possam passar noites deliciosas.

O concerto dividiu-se em duas partes e eucarregaram-se delle os distinctos e insignes *maestros* os Srs. Otto Beck, A. Gravstein, L. Gravstein, I. Cerrone, Bernhardt Wagner, Arthur Napoleão e Leopoldo Miguez, que foram calorosamente applaudidos, começando logo as palmas aos quatro primeiros sohnores, quando entraram para inaugurar a sala.

Todos os executantes foram muito applaudidos.

Com regular concurrencia, realizou no sabbado passado no Congresso de Musica, o Sr. Alberto Nepomuceno o concerto annuciado em seu beneficio.

O bem organizado programma d'esta festa musical, na qual tomaram parte os projectos concertistas os Srs. Nascimento, Rayol, Nepomuceno, Cerrone e Rossi, foi executado com toda a pericia arrancando dos assistentes calorosos e repetidos applausos.

Ao habil e talentoso pianista o Sr. Nepomuceno damos os nossos parabens por mais este bello triumpho.

## SOCIEDADE DE CONCERTOS POPULARES

Conforme estava annuciado, realizou esta sociedade, no domingo ultimo, no theatro S. Pedro de Alcantara, o seu sexto concerto.

A concurrencia foi muito boa e as

peças, constantes do programma, todas escolhidas, foram perfeitamente executadas.

As peças que mais agradaram foram: *La Notte e l'Alba*, delicadissimo intermedio symphonico, escripto pelo Sr. Andrada Machado, a marcha *A Imprensa* de Abdon Milanez, instrumentada para grande orchestra pelo maestro Leopoldo Miguez e a *Sevilhana*, deliciosa composição de Massenet, que foi brilhantemente executada e bisada a pedido.

Terminou o concerto com a marcha *Hungara* de Berlioz, que é um verdadeiro canto guerreiro e que teve uma execução brilhantissima.

Parabens aos organisadores dos Concertos Populares.

Realizou-se solememente e com toda pompa, no domingo passado, a inauguração do novo Asylo das Orphãs da Imperial Sociedade Amante da Instrução.

Principiou ás 11 horas da manhã a benção dn capella e das mais dependencias do asylo e em seguida a missa solemne, a que assistiram muitissimas pessoas gradas.

Concluido o acto religioso e outras formalidades indispensaveis, como fosse a acta, etc., a respeitavel e distincta directoria convidou a todos que se achavam presentes para um excellent lunch, no qual trocaram-se muitos e entusiasticos brindes. No terraço, ao lado do bello predio, tocava constantemente a banda de musica dos menores do arsenal de guerra.

Visitámos com praser o magnifico edificio, que conta actualmente 43 orphãs, e nelle encontramos tudo na melhor ordem possivel, perfeitamente accedido e mobiliado com toda a elegancia.

Esteve muito animado o saráu que se realisou no dia 16 do corrente no Club de Esgrima do 1.º Regimento. Foi uma festa, por todos os motivos, excellent.

Que agradabilissimas horas passámos todos — socios e convidados! Parabens ao Club de Esgrima.

Esteve brilhante, animado e bastante concorrido o saráu — concerto que a mui conceituada e caprichosa sociedade Congresso Brasileiro, realizou na uouta de 23 do corrente.

Começou a deliciosa festa por um primor; que foi o magnifico concerto organiado pelo Sr. Eduardo Delduque, concerto em que graclosamente tomarem parte, as distinctas e gentis Exmas. Senhoras DD. Jorgeanna Brito, Emilia Adelaide Reis, Eugenia Francisca de Oliveira e Amelia Tavarcs: e os Srs. Agostinho Gouvêa, G. Alberti, Costa Junior e Dr. B. Gambôa. Concluida a parte musical, e qua foi festejada por muitos applausos, começou o baile, que se prolongou até as 5 horas da manhã, retirando-se todos os convidados e socios alegres, satisfeitos e penhorados pelos amabilidades e obsequios que a distincta directoria lhes dispensou.

Tudo isto é dicto com as chapas do costume, nas, com toda a sinceridade; creiam-n'o.

TIO ANTONIO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

SI EU FOSSE O TEU GATINIO!

The deep affections of the breast  
That Heaven to living things imparts  
Are not exclusively possessed  
By human hearts.

( CAMPBELL )

Transmutado n'um touro alcanço Jove  
de Europa o poeta em ave cuida  
mudar-se e o cento eltivo;

Leda o effeito sentio do tredo cysne  
que no seio gentil trouxe amimado;  
Convertida em loureiro, Daphne esquiva  
cinge a fronte de Dello enamorado...  
Oh! mil vezes feliz fóra meu fado  
e acabára e tristeza em que delinho,  
si eu podesse deixar a humana fórma,  
si eu fosse o teu gatinho!

Nunca em suja cozinha me verias  
furtar o que alli ha;  
foram meus alimentos—flos d'ovos,  
biscoito, leite e chá...

Do horralho ao calor, que no lasso corpo  
dá no tempo de chuva algum conchego,  
não me iria enxugar; em teu regaço  
procurára agazalho c mais socego.  
Desdenhára dos gatos mais rolçes,  
por fazer jus ao teu menor carinho:  
um bichano exemplar fóra, eu te juro,  
si eu fosse o teu gatinho!

Si as injurias de antigos avoangos  
em mim vingasse um rato,  
eu te ouvira dizer, de noite, á volta,  
— Coitado do meu gato!

Si em felina aventura perseguido,  
eu fugisse, com medo, do telhado,  
em ernica embebida a arranhadura  
por teus dedos seria.—Oh! doce fado!  
aparás-me as barbas — e eu traria  
o pello nédio e liso, alto o focinho...  
Mais pichoso seria no meu trege,  
si eu fosse o teu gatinho!

Em teu quarto, de noite, na penumbra  
da escassa lamparina,  
pela fresta da porta entrára ufano,  
ventura de um rei fina!

Um' olho sempre alerta, outro fechado,  
rosnaria os meus versos mais risonhos:  
triste do camondongo que viesse,  
roendo a alfombra, perturbar-te os sonhos!  
E quando o somno os olhos te cerrasse,  
eu dormira enroscado n'nui cantinho; —  
no amor, na discrição seria Amadis,  
si eu fosse o teu gatinho!

Oh! ludibrio da sorte, quando injusta  
fere os homens e os gatos!  
Sou poeta, sou moço — e invejo os gozos  
que engeita o papa-ratus!

Mas tu, fada gentil, ta que mudaste  
co'um volver de teus olhos meu futuro,  
sé bondosa uma vez — e cumpre um dia  
do teu vate o anelo ingenuo e puro...  
E si não podes dar-me os verdes olhos  
e as barbas senhoris do teu bichinho,  
dá que eu viva a teus pés, como fizera  
si eu fosse o teu gatinho!

CARLOS DE LAET.

## SPORT

Realizou o Derby-Club no domingo  
passado a sua ultima corrida, com um  
programma importante, com bastante  
animação e grande concurrencia.

Eis o resultado dos pareos:  
No 1.º pareo (1609 metros), Esmeralda  
facilmente, em 113 segundos, venceu os  
seus competidores. Corcovado, que  
cbegou em 2.º lugar, d'esta vez fez me-

lhor corrida. Juanita e Absyntho em ultimo lugar. Rateio 10\$000 (restituição.)

No 2º pareo (1200 metros) houve diversas partidas falsas, que sacrificaram alguns parelheiros e muito especialmente a Ormonde, que percorreu mais do dobro do tiro que disputou. Estas partidas falsas foram devidas unicamente á insubordinação em que se achavam os nossos jockeys e não ao juiz de partida, como muitas vezes á primeira vista parece. Dada afinal a partida, Ormonde sahio em ultimo lugar e em ultimo chegou, completamente fatigado. Lady foi a vencedora em 81 segundos, fazendo boa corrida. Rapid em 2º lugar e Phenix em 3º. Pervencho em ultimo, juntamente com o Ormonde. Indio não correu. Rateio 21\$100.

No 3º pareo (1600 metros) Victorious, em 108 segundos, venceu os seus competidores. Mirzador chegou em 2º lugar, apenas perdendo por cabeça, e carregando mais seto kilos que o seu competidor. Mastine em 3º lugar. Dr. Cacete, Perle e Castita em ultimo lugar. Coupon e All-Right não correram. Rateio 40\$200.

No 4º pareo (1600 metros) Boreas, em 110 segundos, facilmente venceu o Talisman, que chegou em 2º lugar. Dandy em 3º lugar e Macaréo distanciado. Rateio 23\$000.

No 5º pareo (1750 metros) Odalisca em 120 segundos fez boa corrida e venceu os seus fortes competidores Druid e Tenor, com facilidade e demonstrando estar em boas condições. Druid, que chegou em 2º, lutou com Tenor, que chegou em 3º completamente esgotado. Rondello e Violão em ultimo lugar. Rateio 44\$000.

No 6º pareo (2000 metros) houve uma infeliz partida, da qual Charybides, em 132 segundos, aproveitou-se e venceu os seus competidores, sabindo com grande deanteira. Daybreack, apesar de ter partido muito atrazado, ponde alcançar Charybides na recta de chegada, perdendo apenas por insignificante diferença de cabeça e por ter o jockey da Charybides, ao castigal-a, dado com o chicote na cabeça da Daybreack, o que nos pareceu casual, visto quando ee aproxima um animal do outro, que está sendo chicoteado, tambem receber do jockey d'este as chicotadas que elle dirige sómente para o seu parelheiro. Satan chegou em 3º lugar. New-York, Remise o Musico chegaram com muito atrazo pela má partida. Salvatus não correu. Rateio 17\$700.

No 7º pareo (1600 metros) Regente, em 112 segundos, venceu os seus competidores, apezar de ter partido na retaguarda de todos elles. Monitor chegou em 2º lugar, completamente esgotado. Vampa em 3º lugar. Ondina, Fagote, Saltarelle, Catana e Bayocco chegaram na bagagem. Boyardo não correu. Rateio 39\$200.

O jogo da poule attingiu a somma de 135:800\$000.

Com esplendido programma realisa amanhã o Prado Villa Isabel uma importante corrida, que necessariamente attrahirá grande numero de admiradores do turf.

Eis os nossos palpites :

No 1º pareo—Tufão; no 2º—Boreas; no 3º—Ormonde; no 4º—Daybreack; no 5º—Rondello; no 6º—Musico; no 7º—Espadilha.

Hoje inauguração do Sport Club na Villa Guarany, com bello programma. L. M. BASTOS.

## COLLABORAÇÃO

### PRIMEIRA SEPARAÇÃO

CONTO INFANTIL

Quinze annos apenas. Bulhosa puerícia, quinze brincoas de criança.

No emtanto, o coitadinho já tão cedo era entregue á Sociedade, roubado ás caricias da mamãe. Ella bem lhe fizera ver a necessidade de partir, partir para bem longe, para que mais tarde pudesse abençoar nm doutor e com natural orgulho guardar carinhosamente no bello coração os louros por elle alcançados. E, ouvindo isto, tinha vindo sem custo, e esperançoso de tornar-se doutor em breve tempo. Jámais imaginára o que era aquelle — delicioso pungir de acerbo espinho — do Garret, o que era não ter a mamãe para beijal-o, enchel-o de agradáveis cuidados, de ineffaveis caricias.

Então, agora que se via só naquella grande cidade, que sentira um mez inteiro a falta do que tinha de mais precioso, bem chorava a resolução de estudar, lembrando-so por vezes do dia da partida. E imaginava, para doce consolo, que o mesmo diviam estar sentindo a seu respeito a mamãe, o papae, os maninhos. Pois era elle, o Juca, o sol, a alegria da casa! Com sua graciosa petulancia, espirito jovial e affectuoso, quanto agradava! Como lhe queriam bem! Ah! por força, por força, pensava, hão de estar tristes.

O dia, esso terrível dia, da separação parecia tambem concorrer para a tristeza da casa: chuvoso, de nuvens cór de chumbo, cheio do nimbos, frio e humido. O sol, que o fazia tão corado e a mamãe tão medrosa das febres, escondera-se por traz d'aquellas nuvens; não quizera assistir ao pesar da familia, talvez para não seccar as tantas lagrymas derramadas.

De manhã ainda brincava; de vez em quando um abraço na mãesinha e, mudo, mudez em que transparecia a tristeza, via-a arrumar a mala com tantos cuidados, tantas lagrymas!

Correu frio o almoço; em completa monotonia. Se não fosse o papae, que ás vezes, forçando um tom chistoso e folgazão, lhe pintava risonho o futuro, leria corrido mais frio ainda, sem a menor palavra.

Ao meio dia devia partir, e não tardava o meio dia. Quantas recommendações, quantos conselhos, e, por fim, a voz do papae: «Vamos sem demora, que podemos perder o vapor.» Sua voz ahi fraqueara, apezar da firmeza de caracter que lhe era peculiar. Do papae era de ferro o coração, impossivel de mostrar-se ferido. Entre tanto, um tremor, posto que subtil e leve, se sentira n'aquellas palavras. Era porque lhe rasgava o coração, derretendo a ferrea camada que o envolvia, ver roubado á sua boa mulher aquelle filho, aquelle idolo que ella tauto amava.

E ella, no ultimo amplexo, parecia querer preudel-o nos braços. Seu peito arfava, os soluços sahiam-lhe da garganta vehementes, precipitados, mas ao mesmo tempo contidos, e com des-

espero de mãe dedicava-lhe man-lava-lhe partir. Sus não bem depressa se encontrou com a d'elle: «E' pouco, mas guarda porque chega para comprares papel e sellos para me es-reveres.» Abi as manihaa tiuham deixado os brincoas e ali estavam, tristes, tristes, e com as faces inundadas de perolas do pranto.

Um ultimo adeua da rua e a ultima recommendação: «Tenha juizo e estude bem, meu filho.»

Partira então, partira para bem longe afim do ser doutor. E soffrera bastante depois que se viu só, atirado entre gente desconhecida e que em pouco tempo dizia-se amiga. Como se admiravam dos pezares que soffria, das saudades que sentia! Pois havia muitos da sua idade e mais moços que se consideravam tão felizes e nunca falavam nas mamães!

Ah! Como se lembrava da primeira carta della! Quanta alegria perpassada de doridas lagrimas, ao recebê-la! Falava-lhe na falta que fazia, mostrava-lhe a casa triste, os maninhos sempre chorando, e, por fim, mil recommendações de eavolta com mil beijos e abraços saudosos.

Isto fez-lhe mais tristeza ainda. Nesse dia muito penara, e sua imaginação voara, voara vertiginosa para aquella chacara onde nascera e se criara. Era de tarde; ia anoitecer. A mamãe e o papae deviam estar sentados no terraço, talvez ouvindo o tio Pedro, enquanto que os maninhos, espalhados pelo jardim, brincavam, e elle, elle chorava, chorava...

Tinha sido feliz na nova morada: disso não se queixava, pois em todos achava agradados e a cidade era tão bella, tão grande. Mas as saudades lá estavam no cantinho do coração, ferindo sempre.

Seu extremado sentimentalismo, a característica ingenuidade e sua natureza, dotada de alto grão expansivo, junta a um physico adoravel em pequenez, e vivacidade a delicadeza de traços attrahiam-lhe innumeradas sympathias. Todavia, apezar de tudo, era constante o expoutaneo grito de sua alma:

«Se eu pudesse estar com a mamãe!...»

Ingenuo e simples como o Juca é raridade; neste mundo, diziam os que se intitulavam seus amigos. E, com effeito, citavam o caso raro do bond, em que elle, mui satisfeito por estar em ponta de banco em dia festivo e de affluencia de povo, tivera de cedê-la a uma senhora que era exactamente a mamãe. Que semelhança! Era o seu modo, seu ar bondoso e affavel. Não pudera resistir: cedeu-lhe o logar e pagou-lhe a passagem; pelo que a senhora, admirada e muito grata por ver tamanha delicadeza em criança tão pequena, agradecera-lhe com os olhos, com o olhar da mamãe.

O rubor subiu-lhe ás faces; as lagrymas desceram-lhe dos olhos.

São passados tres annos, tres seculos de saudades. Eilo que parte a ver a mão, o pae, os irmãos, não o Juca d'outr'ora, mas o Sr. José de..., estudante prosa e conversavel Em vão procura o que sonhara ha tres annos passados, a alegria que sentiria expandir-se com força em si, quando, cheio de triumphos nos estudos fosse

abraçar a mamãe, receber seus beijos e caricias.

Tenta essa alegria; chega a sentila, mas não completa. Está unida a funda magoa. E' que já deixava algum bem precioso. Amava, pois, a mamãe em todos os conselhos, julgando-o criança, não fizera a menor referencia ao amor. Ella recebera abrir-lhe os olhos, julgando que d'esse modo elle sempre ficasse cego. E era o que o conselava! «A mamãe não me prohibiu isto, segui tudo o que me recommendou, fui feliz nos estudos, devo estar contente; mas não, não, tenho aqui dentro alguma cousa que me faz chorar...»

Côrte — 3 de Junho

ABELARDO TEIXEIRA DE MELLO.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro do Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leoa e Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo. — incumbem-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho — Minas.

Relojoeiro — Alfredo Cesar da Silveira — Rua de S. José n. 51 — Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cozar Tavaros Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

## LYRICA

DE

### FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

### RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

# PRADO VILLA-IZABEL

## PROGRAMMA DA 7ª CORRIDA

A REALIZAR-SE  
DOMINGO 31 DE JULHO DE 1887 DOMINGO  
AO MEIO DIA EM PONTO

1º pareo—**Conciliação**—1.450 metros—Animaes de menos de meio-sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 200\$ ao primeiro, 60\$ ao segundo e 30\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Pellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Sordido.....	Castanho..	6 ans	Rio Grande	54 kil.	Azul e ouro.....	C. L.
2	Tuffio.....	Idem.....	4 »	R. de Jane..	51 »	Verde e ouro.....	V. C.
3	Zaire.....	Gateado..	5 »	Paraná.....	56 »	Encarnado.....	Coud. Amadores.
4	Juanita.....	Baio.....	3 »	R. de Jane..	46 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
5	Pampeiro.....	Castanho..	4 »	R. Grande..	51 »	Encarnado e preto.....	A. Cunha Bastos.
6	Verbena.....	Idem.....	4 »	R. de Jane..	51 »	Azule ouro.....	Coud. Santa Cruz.
7	Oudina.....	Tordilho..	4 »	S. Paulo....	49 »	Azul e amarello.....	J. Rocha.
8	B. Pitassu ex-Pelotas	Zaino.....	5 »	R. Grande..	54 »	Branco e encarnado.....	J. M. Miranda.
9	Prinzeza ex-Bucbinha	Castanho..	4 »	S. Paulo....	51 »	Idem.....	Idem.
10	Blanche.....	Rosilho..	5 »	R. Grande..	52 »	Azul e grénat.....	Coud. Estrella.
11	Mouro.....	Zaino.....	6 »	Idem.....	54 »	Idem.....	H. C.
12	Tejo.....	Pampa....	5 »	S. Paulo....	54 »	Vermelho.....	H.
13	Guacho.....	Chita.....	4 »	R. Grande..	51 »	Azul e grénat.....	A. M.
14	Ninon.....	Zaino.....	3 »	R. de Jane..	48 »	Roxo e lyrio.....	J. F. Lima.

2º pareo—**Metropolitano**—1.800 metros—Animaes nacionaes—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Boreas.....	Castanho..	5 ans	S. Paulo....	54 kil.	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Diva.....	Alazão... 4 »	R. de Jane..	49 »	Ouro e branco.....	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Dandy.....	Vermelho.. 4 »	S. Paulo....	51 »	Grénat e ouro.....	Grénat e ouro.....	F. Vianna.

3º pareo—**Omnium**—1.300 metros—Animaes de 2 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Ormonde.....	Zaino.....	2 ans	França....	48 kil.	Grénat e Perola.....	A. Vianna.
2	Apollo.....	Alazão... 2 »	R. da Prata	48 »	Azul e grénat.....	Azul e grénat.....	T. R. M.
3	Rapid.....	Idem.....	2 »	Inglattera..	48 »	Encarnado, preto e branco.....	Vianna Junior.
4	Cancanière.....	Castanho.. 2 »	França....	46 »	Ouro, mangas e bonet azul...	Ouro, mangas e bonet azul...	Coud. Alliança.
5	Landy.....	Idem.....	2 »	Inglattera..	48 »	Azul e grénat.....	C. O.
6	Lord.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	48 »	Verde.....	J. P.

4º pareo—**Internacional**—1.800 metros—Animaes de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro

1	Olanda.....	Zaino.....	3 ans	Inglattera..	49 kil.	Grénat e ouro.....	Coud. Carioca.
2	Pancy.....	Idem.....	3 »	R. da Prata	47 »	Encarnado e ouro.....	V. M.
3	Daybreak.....	Castanho.. 3 »	Inglattera..	51 »	Azul e ouro.....	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
4	Amazonas.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e amarello.....	C. & F.
5	Remise.....	Zaino.....	3 »	França....	49 »	Ouro e preto.....	F. Schmidt.
6	Africana.....	Idem.....	3 »	R. da Prata	47 »	Verde e ouro.....	D. Olga L. da Costa.

5º pareo—**Progredior**—1.800 metros—Animaes nacionaes até meio-sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Rondello.....	Castanho.. 4 ans	S. Paulo....	51 kil.	Grénat e azul.....	Grénat e azul.....	Lazaro & Lima.
2	Regente.....	Idem.....	4 »	Idem.....	51 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
3	Violão.....	Alazão... 5 »	Idem.....	54 »	Vermelho e preto.....	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
4	Vampa.....	Zaino.....	5 »	R. Grande..	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraiso.
5	Douro.....	Alazão... 6 »	R. de Jane..	54 »	Verde e ouro.....	Verde e ouro.....	Coud. Independencia.
6	Parabyba, ex-Caporal	Idem.....	5 »	S. Paulo....	54 »	Azul e grénat.....	Coud. Integridade.
7	Bonita.....	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Encarnado e branco.....	J. M. Miranda.
8	Cyclone.....	Castanho.. 4 »	R. de Jane..	51 »	Ouro, mangas e bonet azul...	Ouro, mangas e bonet azul...	Coud. Alliança.
9	Bayoco.....	Idem.....	6 »	S. Paulo....	58 »	Encarnado e branco.....	Oliveira J. & Lopes.
10	Jenny.....	Vermelho.. 5 »	Idem.....	52 »	Geraniun e ouro.....	Geraniun e ouro.....	J. W.
11	Chapeco.....	Castanho.. 4 »	Paraná....	51 »	Branco e estrellas azues.....	Branco e estrellas azues.....	Coud. Guanabara.

6º pareo—**Suburbano**—1.450 metros—(Handicap)—Animaes de qualquer paiz que não tenham ganho este anno—Premios: 700\$ ao primeiro, 175\$ ao segundo e 90\$ ao terceiro

1	Pancy.....	Zaino.....	3 ans	R. da Prata	49 kil.	Encarnado e ouro.....	V. M.
2	Le Loup.....	Idem.....	4 »	França....	55 »	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
3	Victorius.....	Idem.....	4 »	Idem.....	68 »	Vermelho e preto.....	L. A. P. B.
4	Musico.....	Preto.....	5 »	Idem.....	60 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro
5	Dionéde.....	Castanho.. 4 »	Idem.....	40 »	Azul e preto.....	Azul e preto.....	Coud. Bocaina.
6	Siva.....	Alazão... 3 »	Inglattera..	46 »	Azul e ouro.....	Azul e ouro.....	Coud. Hanoveriana.
7	Maestro.....	Tordilho.. 4 »	S. Paulo....	42 »	Encarnado.....	Encarnado.....	Coud. Amadores.
8	Dr. Cacete.....	Zaino.....	4 »	R. da Prata	48 »	Grénat e ouro.....	Mario de Souza.
9	Apollo.....	Alazão... 2 »	Idem.....	42 »	Azul e grénat.....	Azul e grénat.....	T. R. M.
10	Madame.....	Castanho.. 4 »	França....	47 »	Ouro e preto.....	Ouro e preto.....	F. Schmidt.

7º pareo—**Ensaio**—1.450 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro, 125\$ ao segundo e 75\$ ao terceiro

1	Oboé.....	Vermelho.. 3 ans	S. Paulo....	46 kil.	Vermelho.....	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
2	Piston.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	46 »	Vermelho e preto.....	Idem, idem.
3	Mandarim II.....	Idem.....	3 »	R. de Jane..	46 »	Verde e ouro.....	J. A. S. Gaimarães.
4	Corcovado.....	Castanho.. 3 »	Idem.....	46 »	Grénat e ouro.....	Grénat e ouro.....	Mario de Sousa.
5	Berenice.....	Alazão... 3 »	Idem.....	46 »	Ouro e branco.....	Ouro e branco.....	Coud. Fluminenss.
6	Espadilha.....	Castanho.. 3 »	S. Paulo....	48 »	Ouro, mangas e bonet azul...	Ouro, mangas e bonet azul...	Coud. Alliança.

### OBSERVAÇÕES

Os animaes inscriptos no 1º pareo devem estar no encilhamento ás 11 horas em ponto; o jockey que até ás 11 1/4 não se apresentar á pesagem não será mais admittido.

**RAUL DE CARVALHO, 2º secretario**

O pessoal dos portões pôde comparecer na secretaria no dia 30, das 4 ás 7 horas da tarde.

**PAIVA JUNIOR, 1º secretario**

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO  
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisicoa, bronchites, es-crophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, posue todas as virtudes medicinaes e nutritivae do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRELDO POR

**E. GAMBÁRO**

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas prinlopaes livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

**CHAPELARIA INGLEZA**

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 36

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, semero e modicidade de preços.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado